

Por uma História da Geografia: Resposta aos Comentários***For a History of Geography: Response to Comments**

Neil Smith

Departamento de Geografia, Rutgers University

Tradução:

Rafael Augusto Andrade Gomes

Programa de Pós-Graduação em Geografia

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Editor Adjunto da Revista Terra Brasilis

rafagomesgeo@gmail.com

Você não pergunta, como o pobre Chas Colby sempre faz, “Isso é apenas geografia pura ou eu estou invadindo os limites da Sociologia ou da História?” (...) Malditos estes companheiros de fronteira que pensam que o Senhor criou “matérias” (...). Geografia pura é um homem cego tateando a cauda de um elefante.

Isaiah Bowman¹

Os comentários precedentes e as dúzias de cartas de outros acadêmicos, geógrafos e não-geógrafos, sugerem que a história da geografia de Harvard ainda suscita intenso interesse e não pouca paixão quarenta anos após o fato.² Talvez o mais valioso tenham sido as reminiscências, sugestões e críticas daquelas pessoas que estiveram em Harvard e seus arredores nos anos 1940 e que testemunharam, em primeira mão, facetas específicas desta

* Publicado originalmente por *Taylor & Francis*: SMITH, Neil. “For a History of Geography: Response to Comments”. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 78, n. 1, 1988, pp. 159-163 [N. E.].

1 Bowman para Mark Jefferson, 6 de setembro de 1936, Jefferson Papers, *Eastern Michigan University*, Arquivo: Professional, Caixa 2.

2 O presente texto foi preparado como uma resposta de Neil Smith a comentadores de um artigo publicado no ano anterior (Smith, 1987). Cf. SMITH, Neil. “Academic War Over the Field of Geography”: The Elimination of Geography at Harvard, 1947-1951. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 77, n. 2, 1987, pp. 155-172; BURGHARDT, Andrew. On “Academic War over the Field of Geography”: The Elimination of Geography at Harvard, 1947-1951. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 78, n. 1, 1988, pp. 144; AUGELLI, John; PATTON, Donald. On “Academic War over the Field of Geography”, *Annals of the Association of American Geographers*, v. 78, n. 1, 1988, pp. 145-147; COHEN, Saul. Reflections on the Elimination of Geography at Harvard, 1947-51. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 78, n. 1, 1988, pp. 148-151. MARTIN, Geoffrey. On Whittlesey, Bowman and Harvard. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 78, n. 1, 1988, pp. 152-158; SMITH, Neil. For a History of Geography: Response to Comments. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 78, n. 1, 1988, pp. 159-163 [N. do T.].

“guerra acadêmica”. O fascínio por relacionamentos pessoais e antagonismos, tão dominantes na emaranhada e duradoura mitologia oral, seguramente explica parte desse interesse, mas a variedade de respostas deixa claro que a eliminação da geografia em Harvard, e a maneira como isso foi feito, teve um efeito profundo bem além dos limites da disciplina. O atual encantamento com a história de Harvard também resulta de eventos contemporâneos. Nos últimos dez anos, viu-se departamentos serem fechados em Michigan, Pittsburgh, Temple, Columbia, Chicago e Northwestern, e estes compartilham algumas similaridades perturbadoras com o fiasco de Harvard. Como os comentários de Saul Cohen, John Augelli e Donald Patton sugerem, há questões bem mais amplas embutidas nos detalhes do caso Harvard.

O artigo original foi escrito com o espírito de mover nosso entendimento histórico sobre a geografia para além do pessoal e anedótico e com a convicção de que uma nova história da geografia estava na ordem do dia. Apesar do interesse intrínseco dos numerosos detalhes apresentados nos comentários, portanto, é sobre essas questões mais amplas que eu gostaria de focalizar no limitado espaço aqui disponível. Antes de fazer isso, porém, devo reconhecer e pedir desculpas por uma infeliz omissão em meu artigo. Os professores Donald J. Patton e Richard Logan certamente obtiveram seus doutorados em geografia em Harvard em 1949, mas, devido a uma mudança no sistema de registro de diplomas de graduação na Divisão de Geologia e Geografia, desconsiderei seus nomes.

A “história do pensamento geográfico”, como é tradicionalmente chamada, deveria, por todos e quaisquer padrões, ser um dos ramos mais intelectualmente estimulantes da disciplina. Em vez disso, ele é o mais atrasado, beirando o antiquarismo. Tenho certeza de que uma pesquisa aleatória e não necessariamente científica com alunos de graduação e pós-graduação dos Estados Unidos revelaria que, aos olhos deles, o tradicionalmente obrigatório curso de “pensamento” é, com frequência, o mais enfadonho e uma perda de tempo. A culpa não reside tanto nos professores, e menos ainda nos estudantes, mas nos historiadores da geografia e, sobretudo, na disciplina como um todo, que ainda não promoveu uma preocupação séria e ampla com sua própria história. É uma responsabilidade compartilhada. Para ser sincero, muito do que atualmente se passa por história do “pensamento” geográfico é caracterizado pelo

que poderia ser denominado os três Ds; com algumas poucas exceções, ela é descritiva, enfadonha e defensiva.³

Certamente há exceções suficientes a essa avaliação para evitar que seja uma acusação geral, mas, como uma generalização razoável, ela é bastante reconhecível. A história do pensamento geográfico é descritiva nas muitas vezes em que assume a tarefa de recitar títulos de livros e artigos com suas datas apropriadas, nomeações e promoções, novamente com datas, e quaisquer outras façanhas louváveis e honras dos “grandes homens” (e, talvez, uma mulher) da geografia. Existem listas de correspondentes famosos de geógrafos, presumivelmente na esperança de que os louros fossem compartilhados, mas há uma avaliação insuficiente sobre se a troca de cartas foi, de alguma maneira, significativa. Há também longas e complicadas citações que pouco fazem além de fornecer um pretexto para a próxima citação. Esse tipo de história é enfadonho porque o leitor já deve ter um fascínio duradouro pelo assunto em questão para suportar os detalhes. Há pouca ou nenhuma tentativa de conectar detalhes intrincados de uma vida a eventos históricos maiores e, desse modo, dar-lhes significado. Pior de tudo, a história do pensamento geográfico tende a ser defensiva. É também, com frequência, uma história internalista, em que as atividades e carreiras de geógrafos são interpretadas como se seu significado começasse e terminasse no interior do microcosmo de poucos milhares de geógrafos profissionais. O evento mundano é tido como menos importante que o fato impressionante de que o geógrafo estava lá. Ele até mesmo trocou palavras com algumas pessoas famosas!

Onde tal história orientada internamente é a norma, os “grandes homens da geografia” – os heróis da disciplina – tornam-se os príncipes naturais e exclusivos em uma busca por identidade no espelho. Tal abordagem representa não apenas uma concepção de história profundamente falsa e há muito tempo desacreditada, mas um total desserviço à geografia. A disciplina é mensurada em um jogo de espelhos que se refletem e se distorcem, como se ela precisasse de proteção do mundo exterior. Mas a geografia real e as ideias geográficas têm sido demasiadamente importantes na história do mundo e na vida das pessoas para serem deixadas a tal decomposição interna.

³ Do original, em inglês: *descriptive, dull and defensive*. Neil Smith emprega o termo *dull*, aqui traduzido como enfadonho, para indicar que a história do pensamento geográfico não produz interesse e excitação. Embora, em português, os três adjetivos não se iniciem com a letra *d*, como ocorre em inglês, optamos por não suprimir os trechos em que o autor faz apelo à ideia de uma história do pensamento geográfico pautada nos três Ds [N. do T.].

Há muito tempo os geógrafos se queixam de que são lamentavelmente mal compreendidos e que ninguém mais faz os *quizzes* de cabos e baías ou de capitais, ou seja, o jogo de conhecimentos gerais⁴ da geografia. Mas, na medida em que nós mesmos apresentamos nossa própria história como um “jogo de conhecimento gerais”, uma aparentemente interminável hagiografia de heróis, seus currículos anotados no interior de livros enfadonhos, colaboramos com essa banalização da geografia. A história da geografia poderia ser um símbolo intelectual para a disciplina, encorajando historiadores, teóricos sociais e cientistas naturais a irem além em suas investigações, mas, quando é caracterizada pelos três Ds, ela transmite aos intelectuais interessados, ao contrário, a infeliz impressão de que há pouca substância. Tal história defensiva e autocentrada, bem como a “angústia” integral da disciplina, como meu colega Frank Popper⁵ da Rutgers⁶ se refere, comunica aos não-geógrafos que mesmo os geógrafos não tratam seriamente a sua disciplina ou a sua história. Então, por que os outros deveriam tratá-la? Defensibilidade quando não autorrealização.⁷

Tudo o que foi apresentado acima tem relação direta com o desastre de Harvard. O conhecimento do declínio da geografia de Harvard é supreendentemente predominante entre intelectuais, especialmente aqueles com conexões em Harvard e aqueles que, de outra maneira, se recordam do debate e da discussão generalizados que ocorreram nos círculos da educação àquela época. Vários desses estudiosos estão tão envolvidos na mitologia [em torno desse fato]

⁴ Do original, em inglês: *trivial pursuit*. A expressão *trivial pursuit*, sem tradução em português, corresponde ao nome de um famoso jogo, criado no final dos anos 1970 por dois jornalistas canadenses, no qual o objetivo dos participantes é percorrer o tabuleiro após responder corretamente a perguntas sobre conhecimentos gerais [N. do T.].

⁵ Frank Popper, que se aposentou em 2020, é Professor Emérito na *Bloustein School of Planning and Public Policy* da *Rutgers University* (instituição à qual está vinculado desde 1983) e largamente conhecido por sua interpretação do povoamento, uso do solo e preservação na região das Grandes Planícies, uma vasta área de pradarias baixas entre as Montanhas Rochosas e as pradarias altas do Meio-Oeste e Sul dos Estados Unidos da América (EUA). Cf. POPPER, Deborah; POPPER, Frank. The Great Plains: From Dust to Dust. A daring proposal for dealing with an inevitable disaster. *Planning*, v. 53, 1987, pp. 12-18; POPPER, Deborah; POPPER, Frank. The Buffalo Commons: Metaphor as Method. *The Geographical Review*, v. 89, n. 4, 1999, pp. 491-510 [N. do T.].

⁶ A *Rutgers University*, fundada em 1766, é uma instituição de ensino superior localizada em *New Jersey* (EUA). Neil Smith esteve vinculado à *Rutgers University* entre 1986, quando o Departamento de Geografia da *Columbia University*, sua instituição anterior, foi extinto, e 2000. Cf. MITCHELL, Don. Neil Smith, 1954-2012. Marxist Geographer. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 104, n. 1, 2014, pp. 215-22 [N. do T.].

⁷ Do original, em inglês: *Defensiveness if self fulfilling*. Essa frase, traduzida aqui por “Defensibilidade quando não autorrealização”, sintetiza o seguinte diagnóstico de Neil Smith: a estratégia defensiva dos geógrafos, ao narrarem sua história, culmina na autorrealização do desprestígio da geografia em relação aos demais campos científicos [N. do T.].

quanto os geógrafos, mas outros estão bem cientes do que ocorreu. Vários deles se relacionavam diretamente com os fundamentos do ocorrido. A esse respeito, considero que a tentativa de Geoffrey Martin de encobrir o envolvimento de Bowman, preservar sua reputação de herói e atribuir a culpa exclusivamente ao traidor Whittlesey não apenas nega categoricamente as evidências arquivísticas, mas contradiz o afetuoso, embora crítico, depoimento das testemunhas oculares, e tem o efeito de dar continuidade à mitologia pessoal. Ainda mais prejudicial, ela envia um sinal àqueles que sabem e especialmente àqueles que conhecem Bowman pessoalmente – suas fraquezas, assim como seus pontos fortes – de que, na verdade, a geografia não é uma busca intelectual séria, já que os historiadores da geografia estão mais preocupados em produzir falsos heróis do que histórias reais. Isaiah Bowman pode ter sido “um dos amigos mais significativos que a geografia americana encontrou” neste século, mas isso seguramente não significa que nós devamos ocultar seus erros ou omitir a discussão sobre alguns aspectos preocupantes em sua vida e carreira, tudo devido a uma lealdade disciplinar equivocada, estritamente concebida e defensiva. A história disciplinar trivial não é um assunto trivial; ela banaliza a geografia e convida outros a fazerem o mesmo.

Eu assumiria uma postura bastante diferente daquela dos Professores Augelli e Patton, que encorajavam que os geógrafos fossem como “bons Republicanos”, recusando-se a ser abertamente críticos uns aos outros ou a lavar roupa suja disciplinar em público.⁸ Seria imprudente descartar o velho ditado de que “as aparências são tudo”, mas, no caso da geografia, creio que qualquer aparência externa de unidade e tranquilidade engane apenas os geógrafos. A história da geografia não acontece simplesmente com a passagem do tempo, mas é uma criação ativa, o resultado de uma luta. Há uma disputa sobre quais ideias explicam melhor o passado, uma luta sobre os conceitos apropriados para a pesquisa contemporânea e, também, na medida em que a pesquisa científica é obrigada a ter uma importância social redentora, uma luta sobre como as geografias históricas de paisagens contemporâneas devem ser moldadas. Essas lutas estão tão entrelaçadas quanto a história de hoje e a história de ontem, a história das

⁸ Do original, em inglês: *dirty disciplinary linen*. A sentença *Don't wash your dirty linen in public* (Não lave sua roupa suja em público) provavelmente está na origem da expressão contraída *dirty linen*, que significa expor segredos íntimos, e potencialmente embaraçosos, em público. Há, em português, um provérbio semelhante, “Roupa suja se lava em casa”, com o mesmo significado da expressão em inglês. O próprio Neil Smith dá continuidade à metáfora das “roupas sujas e lavadas” nas linhas seguintes do parágrafo. Daí nossa opção por traduzir a expressão *dirty linen* por *lavar roupa suja* em vez de alterar significativamente o conteúdo do trecho [N. do T.].

ações e a história das ideias. Um dos aspectos mais prejudiciais das penosas histórias do pensamento geográfico é a relutância autoconsciente em entrar nessa briga para testar ideias, para se envolver em uma disputa intelectual além dos estreitos limites da disciplina; em resumo, para expor toda e qualquer roupa ao olhar público.

Em minha própria experiência em Columbia, uma discussão pública mais honesta das capacidades e defeitos da geografia, tanto como disciplina quanto no interior do departamento, pode ter contribuído para desviar as dúvidas dos administradores que estavam mais consternados do que encorajados por proclamações de vitalidade. Um reconhecimento mais realista de nossas falhas amplamente percebidas teria atribuído crédito às nossas alegações positivas. Lavar a roupa suja teria nos dado algo limpo para estender; teria sido um sinal de força, potencialmente catártico internamente, um desafio externamente.

Em toda essa mudança de perspectiva, não há intenção de satisfazer ao “fetiche coletivo com nossa alegada inferioridade” (ABLER, 1987, p. 515) da disciplina. Antes pelo contrário, a roupa deve ser lavada, não mergulhada na lama. Ao invés disso, aceito absolutamente a determinação de que a pesquisa intelectual substantiva é o que importa. Também é frequentemente lamentado, no entanto, que a geografia seja tão dispersa em relação às disciplinas vizinhas, que seu núcleo mal se sustente e que a redenção requererá que mantenhamos claramente o foco naqueles temas centrais que definem a pesquisa geográfica: alguma combinação de espaço e lugar, ambiente e região, processo físico e interrelação global. Eu posso compreender os perigos percebidos nessa fragmentação, mas parece-me uma posição que valoriza a sobrevivência da disciplina por si só, acima da habilidade dos pesquisadores para se interrogarem sobre as empolgantes questões intelectuais. Sua perspectiva é, antes de tudo, a crise burocrática da geografia, não sua substância intelectual. As disciplinas não são fins nelas mesmas, mas meios para um fim, e a história intelectual do século XX sugeriria uma evolução e remissão extraordinárias ao longo de toda a divisão acadêmica do trabalho. Pelo menos, na medida em que isso confundiu parcialmente a tradicional compartimentação⁹ do conhecimento

⁹ Do original, em inglês: *pigeonholing*, cujos sinônimos mais imediatos são *categorize* (categorizar), *classify* (classificar) e *compartimentalize* (compartimentar), isto é, a ação de separar algo em categorias, classes ou compartimentos. Minha opção por traduzir o vocábulo como *compartimentar*, em vez de *classificar* ou *categorizar*, deve-se, sobretudo, ao vínculo da palavra com o princípio matemático homônimo: *pigeonhole* – também denominado teorema de Dirichlet ou princípio das gavetas de Dirichlet, em referência ao matemático alemão Johann Peter Gustav Lejeune Dirichlet (1805-1859). Tal princípio matemático é baseado no pressuposto de que, “quando objetos [por exemplo, pomos, daí o nome do princípio] são colocados em caixas e há mais objetos do que caixas, então haverá pelo menos uma caixa contendo dois objetos” (RITTAUD & HEEFER, 2014,

no interior de repositórios acadêmicos mofados, essa tem sido uma tendência progressista e, no clima conservador dos anos 1980, devemos seguramente ser cautelosos quanto ao efeito de apelos renovados pela retração disciplinar.

Vários geógrafos têm se distanciado do núcleo tradicional da disciplina justamente para se interrogar sobre o que eles consideram as questões intelectuais mais excitantes, mas isso não é excepcional nem deveria ser ameaçador. Antes pelo contrário. Para dar apenas um exemplo, a exploração do marxismo, do estruturalismo e do realismo por geógrafos, sociólogos e outros durante os últimos quinze anos conduziu à “reafirmação do espaço na teoria social” (SOJA, no prelo),¹⁰ e isso produziu uma reação conservadora não apenas na geografia, mas principalmente na sociologia (SAUNDERS, 1985).

Portanto, em nosso contexto histórico, tal dispersão de interesses pode ser vista sob um ponto de vista muito mais benéfico. Isso gerou “uma situação muito mais saudável do que a condição hermética da geografia americana nas décadas iniciais deste século” (ZELINSKY, 1987, p. 652). Infelizmente, a história da geografia foi pouco afetada por tudo isso e permanece amplamente hermética. O atraso desse ramo da geografia se deve precisamente à sua falta de envolvimento com os estímulos supostamente externos da história e da teoria social. Tentativas deliberadas de coligir um estreito cânone geográfico geralmente resultaram em uma história desajeitada e banal, que angaria pouco respeito dentro ou fora da geografia. Se forem competir, os geógrafos terão de ser implacavelmente críticos – seus próprios e melhores críticos – ao avaliar a história da geografia e intrépidos em seu desprezo pelos limites disciplinares. Somente dessa maneira eles atrairão a atenção e o respeito para estabelecer um discurso com historiadores e teóricos sociais que frequentemente percebem a profunda imbricação da geografia e da história, mas cuja habilidade para conceituar o significado da transformação geográfica é limitada; tão limitada, por exemplo, quanto a habilidade de Giddens (1985, *passim*) para conceituar o espaço geográfico em uma teoria da estruturação.

p. 27, tradução livre). Cf., para mais detalhes, AJTAI, Miklós. *The complexity of the pigeonhole principle. Combinarotica*, v. 4, n. 4, 1994, pp. 417-433; RITTAUD, Benoît; HEEFER, Albrecht. *The pigeonhole principle, two centuries before Dirichlet. The Mathematical Intelligencer*, v. 36, 2014, pp. 27-29 [N. do T.].

10 O livro de Edward Soja (1941-2015), *Postmodern geographies. The reassertion of space in critical social theory* (1989), veio a lume no ano seguinte àquele da publicação do presente texto de Neil Smith e não demorou a receber uma edição em língua portuguesa. Cf. SOJA, Edward Willian. *Geografias pós-modernas*. A reafirmação do espaço na teoria social crítica. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1993 [N. do T.].

Deixem-me tentar ilustrar isso com um breve exemplo retirado de minha pesquisa sobre Bowman. Entre 1880 e 1918, houve uma profunda mudança nas dimensões geográficas da história. A colonização europeia estava efetivamente concluída com a divisão da África nos anos 1880 e, em 1893, Frederick Turner anunciou o fim da linha de fronteira continental nos Estados Unidos. A relação entre expansão econômica e expansão geográfica absoluta em escala mundial foi crescentemente rompida. A partir daí, o desenvolvimento econômico envolvia um processo muito mais complexo de expansão geográfica no espaço relativo em várias escalas espaciais. Esse período assinalou a transição de uma era de zonas de desenvolvimento avançadas e atrasadas para uma era de desenvolvimento global desigual (SMITH, 1984, esp. 87-96). Isso coincidiu com uma transformação em “regimes de acumulação econômica” (AGLIETTA, 1979) e uma profunda renovação dos conceitos de tempo e espaço (KERN, 1983).

Nascido em 1878, Bowman iniciou sua carreira como um explorador na América Latina, mapeando efetivamente algumas das últimas porções de espaço absoluto ainda não descobertas pelos Ocidentais, e terminou sua carreira, em 1950, a serviço de Harry Truman,¹¹ para quem dirigiu com entusiasmo parte da iniciativa do Plano Marshall destinada à industrialização do que viria a ser chamado de Terceiro Mundo. A vida de Bowman não somente coincidiu com uma mudança dramática na relevância histórica da geografia; de Versalhes ao Departamento de Estado da Segunda Guerra Mundial, ele contribuiu e foi um participante ativo no estabelecimento das bases geográficas desse “Novo Mundo”.

Parte da instável geografia política do período envolveu o declínio dos impérios coloniais europeus, vencidos pela conquista militar e política do espaço absoluto, e a emergência de um Império americano bastante distinto, o que Henry Luce, em 1942, exuberantemente denominou “O Século Americano”. Bowman personificou e lutou por essa

¹¹ Harry Truman (1884-1972) foi o 33º presidente dos Estados Unidos da América (EUA). Em seu mandato, que compreende o período entre 12 de abril de 1945 e 20 de janeiro de 1953, destacam-se diversas iniciativas que reorganizaram as relações internacionais após a Segunda Guerra Mundial, a saber: fundação da Organização das Nações Unidas (1945), adoção de práticas de governo anticomunistas (a posteriormente denominada Doutrina Truman), aprovação do Plano Marshall (1948-1952) e assinatura do *North Atlantic Treaty Organization* (1949), a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Cf., para mais detalhes sobre o papel da geografia dos EUA na Guerra Fria, FARISH, Matthew. *The contours of America's Cold War*. Minneapolis: The University of Minnesota Press, 2010; BARNES, Trevor; FARISH, Matthew. Between Regions: Science, Militarism, and American Geography from World War to Cold War. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 96, n. 4, 2006, pp. 807-826. BARNES, Trevor. American geography, social Science and the Cold War. *Geography*, v. 100, n. 3, 2015, pp. 126-132 [N. do T.].

visão de um mundo americano governado antes pelas leis econômicas de mercado do que pela força política e militar. Vendo-se como “um revolucionário moderado”, um internacionalista e um inimigo do isolacionismo dos anos 1920, ele ajudou a fundar o Conselho das Relações Exteriores, que conduziu ao Departamento de Estado de Roosevelt uma visão extremamente geográfica da *Pax Americana* do pós-guerra (ARGENBRIGHT, 1985; SMITH, 1986). Ele poderia renunciar à Primeira Guerra Mundial como um clássico conflito imperialista e, ao mesmo tempo, defender a dominação americana do mundo três décadas depois em nome da democracia e do livre comércio. Ele era uma voz solitária, mas, no fim das contas, bem-sucedida, na luta pelo desmembramento da Alemanha; ele participou no afrouxamento do controle europeu sobre os territórios coloniais que os abriu ao comércio americano; e ajudou a esboçar o estatuto da Organização das Nações Unidas, destinado a prover a estabilidade política necessária que asseguraria a normalidade no Século Americano. Em defesa do novo mundo americano, ele estava na vanguarda dos retóricos da Guerra Fria.

A visão predominante desse período era inerente e inescrutavelmente geográfica, embora bastante diferente da visão europeia anterior. Talvez ela seja mais bem manifestada em Bowman, tanto em suas ações como em seus pensamentos, e percebida somente em vislumbres por historiadores (e. g., LOUIS, 1978). O que é de interesse premente aqui não é que “Bowman estava lá”, mas que, através de uma investigação da vida e da carreira de Bowman, nós vemos a geografia e a história em uma nova perspectiva.

Então, em vez de começar com um entendimento fixo da geografia e tentar insinuá-lo no interior da história – “Nós estávamos lá! Nós estávamos lá!” –, começemos com a história, produzamos a partir dela a geografia, e, no processo, alteremos ambas. Essa abordagem exigirá um envolvimento mais próximo entre a história da geografia e a geografia histórica, bem como uma reorientação teórica das alegações tradicionais sobre as conexões entre história e geografia. Isso equivale a um apelo para que nós percorramos um caminho intelectual e deixemos outros se preocuparem sobre como definir as disciplinas. Contra os três Ds da tradicional “história do pensamento geográfico”, nós faríamos melhor ao perseguir os dois Cs em uma “história da geografia” renovada: a história da geografia deve ser, antes de tudo, crítica e contextual.

Referências

- ABLER, Ronald F. What shall we say? To whom shall we speak? *Annals of the Association of American Geographers*, v. 77, n. 4, p. 511-24, 1987.
- AGLIETTA, Michel. *A theory of capitalist regulation*. The U.S. experience. London: New Left Books, 1979.
- ARGENBRIGHT, Robert. *Bowman's New World*: World power and political geography. M.A. Thesis, Department of Geography, University of California, Berkeley, 1985.
- GIDDENS, Anthony. Time, space and regionalization. In: GREGORY, Derek; URRY, John (Eds.). *Social relations and spatial structures*. Basingstoke: Macmillan, 1985, p. 265-95.
- KERN, Stephen. *The culture of time and space 1880-1978*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1983.
- LOUIS, William Rose. *Imperialism at bay. The United States and the decolonization of the British Empire*, 1941-1945. New York: Oxford University Press, 1978.
- SAUNDERS, Peter. Space, the city and urban sociology. In: GREGORY, Derek; URRY, John (Eds.). *Social relations and spatial structures*. Basingstoke: Macmillan, 1985, p. 67-89.
- SMITH, Neil. *Uneven development*. Nature, capital and the production of space. Oxford: Basil Blackwell, 1984.
- SMITH, Neil. Bowman's New World and the Council on Foreign Relations. *Geographical Review*, v. 76, n. 4, p. 438-60, 1986.
- SOJA, Edward. *Postmodern geographies*. The reassertion of space in critical social theory. London: Verso, no prelo.
- ZELINSKY, Wilbur. Commentary on "Housing tenure and social cleavages in urban Canada". *Annals of the Association of American Geographers*, v. 77, n. 4, p. 651-653, 1987.